

A dolorosa história de uma
catástrofe sem paralelo no mundo dos esportes

Vinte Minutos de Horror

Condensado de THE KIWANIS MAGAZINE

JOSEPH P. BLANK

AINDA HOJE, a tragédia que ocorreu no Estádio Nacional de Lima, a 24 de maio de 1964, e que abalou de pesar e ira toda a nação peruana, quase desafia a nossa compreensão. “A pessoa tenta imaginar como foi que tudo pôde acontecer e não encontra resposta”, diz María Rodríguez, que perdeu seu filho de 15 anos naquela calamidade. “Poderia ocorrer num terrível terremoto, é verdade, ou numa inundação. Mas num jogo de futebol, num domingo, aonde meu filho foi para se distrair? Não, isso não posso aceitar!”

A tragédia que ainda enche de horror os que a ela sobreviveram, aconteceu num dia nublado. Viera uma névoa do Pacífico e descera baixo sobre a cidade. Os torcedores estavam exaltados, pois era o domín-

go em que se defrontariam as equipes do Peru e da Argentina para decidir as duas seleções amadoras que representariam a América do Sul nos Jogos Olímpicos de Tóquio.*

Alguns espectadores tinham viajado a noite toda para assistirem ao jogo. Muitos operários pobres haviam juntado dinheiro durante semanas para comprar uma entrada. Numerosas pessoas fizeram do domingo um feriado para toda a família, levando mulher e filhos ao jogo. O moderno Estádio Nacional, todo de concreto e com capacidade para 53 000 pessoas, estava totalmente lotado. Pouco antes de começar o encontro, quando os funcionários do Estádio fecharam os portões, uma

* Os dois países vencedores da série sul-americana foram o Brasil e a Argentina e o título olímpico foi levantado pela equipe húngara.

grande multidão ficou do lado de fora sem poder entrar.

Nas arquibancadas os espectadores faziam algazarra. Alguns dêles organizaram pequenos grupos que não paravam de gritar. Vinte rapazes desfraldaram uma imensa bandeira do Peru que haviam laboriosamente costurado. Contavam carregar nos ombros, após o cotejo, os vitoriosos jogadores peruanos.

No gramado, o Comandante Jorge Azambújar Reyes, da Polícia, distribuiu seus homens à frente das arquibancadas. Os policiais, com capacetes de aço, estavam armados de pistolas, cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo.

A polícia peruana sabia que podia haver incidentes durante jogos de futebol. No Peru, como em qualquer outro país, os torcedores se inflamam com facilidade, cedendo prontamente a impulsos selvagens—invadindo o gramado e agredindo o juiz ou um jogador.

—Para milhares de pessoas que assistem a um jôgo de futebol importante, o encontro pode valer como um marco em suas vidas durante vários meses—disse-me um advogado peruano.—É uma libertação da luta diária pela vida. A vitória se torna uma questão pessoal, uma questão de orgulho e honra.

Às três horas da tarde o jôgo começou. Os argentinos atuavam com serena eficiência, os peruanos com agressividade incontida. A multidão se mantinha num incessante alvoroço. O primeiro tempo terminou em-

patado por 0x0 e, quando se iniciou a fase final, a torcida estava tensa e prestes a explodir. No 23.º minuto do segundo tempo a Argentina abriu a contagem. O Peru passou a atacar desesperadamente e, faltando 10 minutos para o término do cotejo, assinalou o tento que parecia ser o do empate. No entanto, o juiz Angel Eduardo Pazos, do Uruguai, anulou o tento, esclarecendo que apitara uma infração cometida por um jogador peruano antes de o gol ser consignado.

A decisão desencadeou uma tremenda onda de raiva e frustração nas arquibancadas. Os torcedores começaram a arremessar ao gramado centenas de garrafas e almofadas. O encarregado do placar, Dionisio Aucaruri Pinas, declarou mais tarde:

—Há 23 anos que trabalho neste estádio e jamais vi o público tão enraivecido assim. Até contra mim arremessaram garrafas! Fechei a cadeado a porta do local onde estava, mas continuavam a atirar garrafas através da janela.

Um aramado de dois metros e meio de altura cercava o campo, porém um homem chamado Bomba—apelido adquirido devido a seu costume inveterado de querer agredir os juízes—saltou o aramado e correu em direção a Pazos. Os policiais interceptaram seu avanço e expulsaram-no do gramado. Outro homem invadiu o campo. Os soldados golpearam-no diversas vezes com cassetetes e levaram-no para fora.

Sentindo a raiva crescer incontinentemente entre os torcedores, o juiz deu o jôgo por encerrado, o que os enfureceu ainda mais. Dezenas de homens e meninos que estavam na arquibancada norte desceram aos saltos os degraus e começaram a tentar saltar o aramado. A polícia golpeou-lhes as mãos com os bastões. Em seguida, os torcedores sentaram-se junto ao aramado e, batendo com os pés contra a cêrca, obedecendo a um ritmo regular, fizeram inacreditavelmente três enormes rombos nos elos de aço. Hordas de espectadores enraivecidos correram para dentro do gramado, onde foram recebidos por cassetetes e cães-polícias. Nas arquibancadas, algumas pessoas acenderam tochas com jornais, enquanto outras destruíam um pequeno muro, começando a arremessar tijolos contra os policiais.

O Comandante Azambújar percebeu que o único meio de impedir um conflito sangrento era evitar maior contato entre a polícia e os torcedores enfurecidos. Ordenou então aos seus homens que atirassem bombas de gás lacrimogêneo contra a cêrca, para fazer a multidão retroceder. Uma brisa do sul represou as nuvens brancas do gás e as lançou no meio das arquibancadas do norte, apinhadas de público, onde cada espectador tinha cêrca de 38 centímetros de espaço para se sentar. Inexplicavelmente, então, os policiais começaram a arremessar bombas de gás lacrimogêneo contra as arquibancadas.

Milhares de pessoas se engasgaram e principiaram a tossir, ficando temporariamente cegas. Lançaram-se para a frente, procurando abrir caminho para respirar ar livre, mas estavam bloqueadas de todos os lados por uma sólida parede humana.

Num instante o pânico apossou-se da multidão como uma corrente elétrica, carregando o povo de energia alucinante. ÊLES TINHAM DE SAIR!

Correram todos ao mesmo tempo em direção aos portões de saída e despejaram-se, como carvão numa rampa, pelos túneis, que levavam das arquibancadas à rua, e que inicialmente têm quatro metros de largura, mas que se estreitavam para três metros. Homens, mulheres e crianças caíam e eram esmagados. Três policiais foram mortos; um foi estrangulado pela própria gravata, outro arremessado de uma altura de 15 metros do alto da arquibancada superior até ao chão de concreto da arquibancada inferior e um terceiro deliberadamente saltou para a morte. Um homem alto tentou salvar duas crianças elevando-as acima dos ombros, mas perdeu o equilíbrio e as crianças desapareceram e foram esmagadas.

Seguiu-se então o horror final. Na parte norte, totalmente repleta, os portões de aço no fim dos três túneis que davam para a rua estavam fechados. Os encarregados de dois dêsses portões haviam, aparentemente, abandonado seus postos 10 minutos antes do final do jôgo para

assistir aos derradeiros minutos da partida e não puderam retornar a seus lugares. A terceira porta ficava permanentemente fechada e não era jamais usada.

A vanguarda da massa humana ao se defrontar com as portas fechadas tentou voltar, mas seus gritos angustiados nunca foram ouvidos. Onda após onda de gente se chocava e se acumulava contra as portas cerradas. A maior parte das vítimas morreu sufocada ou pisada.

Mesmo aquêles que se procuravam manter calmos eram irresistivelmente varridos pela onda humana.

—De meus olhos corriam lágrimas devido ao gás lacrimogêneo—recorda Héctor Andrés Dongo, contador de um banco, homem de 31 anos de idade.—Estávamos tão agarrados uns aos outros que eu não podia mexer as pernas. E mal conseguia respirar. Mulheres e crianças gritavam. Eu estava impossibilitado de fazer qualquer coisa. Não posso descrever o terror que se apoderou de mim.

Domingo Bazán, de 26 anos, aprendiz numa fábrica de vidro, ferido na confusão, recordou depois:

—A multidão me carregou até ao meio do túnel sem que meus pés tocassem o chão. Sentia-me como se estivesse sendo espremido até morrer. Pais gritavam desesperados por seus filhos, implorando o auxílio de Deus. Julguei-me perdido. Mas tive sorte. Fui espremido de baixo para cima e de repente fiquei com a cabeça, o tronco e um dos braços livres e no ar livre.

—Foi então que um dos portões de aço inchou como um balão e arrebentou—continuou Bazán.—Os que se encontravam na parte de cima desapareceram. Eu não me pude mexer. Creio que perdi os sentidos nesse momento. Quando despertei, estava no hospital. Os médicos haviam colocado uma sonda no meu nariz. Uma perna recebera diversos pontos e a outra estava quebrada em três lugares.

A perda de sentidos salvou Bazán de testemunhar o inferno que se espalhou pelo estádio e daí para as ruas vizinhas. Malfeitores, aproveitando-se da situação, atiravam pedras e tijolos nos guardas, viravam carros, incendiavam escritórios e lojas, despedaçavam as vidraças de casas comerciais e saqueavam-nas. Nas calçadas e ruas do lado de fora do estádio os corpos dos mortos e dos feridos eram alinhados em longas filas. Padres de fisionomias exangues pela brutalidade da situação corriam, entre êles, administrando-lhes os últimos sacramentos.

E tantos entre os mortos eram jovens! Um dêles, Hernando Díaz López, tinha 13 anos. Seu pai lhe dera uma entrada de presente de aniversário. Três dos rapazes que haviam costurado a enorme bandeira do Peru estavam mortos.

Entre os sobreviventes encontrava-se Leonardo Cevallos Quirós, que viera da aldeia de pescadores de Mala para assistir ao jogo.

—Meu filho mais velho, Francisco, de nove anos, pediu-me que o

levasse para ver a partida. Então decidi levar tôda a família: minha mulher e cinco filhos—declarou Cevallos.—Procuramos correr assim que a confusão começou, mas uma onda humana caiu sôbre nós, separando-nos e esmagando-nos. Minha mulher e meus cinco filhos morreram. Todos mortos! Meu Deus!

Para Dongo, que seguiu de gatinhas pelo chão do túnel do estádio e ficou como petrificado de pé na rua, cuspiendo sangue e sentindo o corpo todo quebrado, as cenas que viu foram inacreditáveis.

—Vi um pai com dois filhos desmaiados nos braços, em tal estado de estupefação que se recusava a entregar as crianças a pessoas que desejavam tentar reanimá-las com exercícios de respiração artificial. Homens e mulheres buscavam parentes, histèricamente afastando e revirando corpos como se fôssem toras de madeira. Um homem que se dirigiu a mim parecia ter perdido as faculdades mentais. “Perdi um de meus sapatos”, falou muito sèriamente.

“O senhor pode ajudar-me a encontrá-lo?”

Posteriormente, alguns jornais de Lima e alguns torcedores quiseram pôr a culpa da tragédia no juiz Pazos, que acusaram de ter invalidado um tento legítimo. Pazos afirmou:

—Não há quem possa estar mais triste com o que aconteceu. Mas Deus sabe que apitei com imparcialidade e total boa fé.

Algumas pessoas acusam a polícia e o uso das bombas de gás lacrimogêneo. Declarou o Comandante Azambújar a respeito:

—Eu tinha a responsabilidade de defender os jogadores e o juiz. O gás lacrimogêneo tinha de ser usado. Não havia outro meio de controlar a multidão. Parece um pesadelo.

E foi. Morreram entre 287 e 328 pessoas nesses 20 minutos de horror. A confusão foi tão grande que até hoje as autoridades não se puderam pôr de acôrdo quanto ao número exato de mortos. Sabe-se apenas que foi uma catástrofe sem paralelo na história do esporte.

O ATOR-ESCRITOR Romney Brent conta que seu gato depois de castrado foi-lhe devolvido pelo veterinário. Observando a melancolia do gato depois da operação, a empregada de Brent comentou: “Sr. Brent, acho que êste gato está com saudade dêle mesmo!”

—John G. Fuller, em *Saturday Review*

Mas Não Muito...

A SECRETÁRIA de um clube de bridge enviou esta mensagem à um sócio hospitalizado: “O comitê de cartas aprovou por 7 a 5 uma proposta no sentido de lhe desejar pronto restabelecimento.”

—Albert H. Morehead, em *Times* de Nova York